

**QUEM SERIA NA REALIDADE O JUDEU DE JORGE AMADO,  
GRACILIANO RAMOS E RACHEL DE QUEIROZ?**

**WHO WOULD REALLY BE THE JEW IN SOME WORKS OF JORGE  
AMADO, GRACILIANO RAMOS, AND RACHEL DE QUEIROZ?**

Márcio Henrique Muraca<sup>1</sup>

RESUMO

Personagens judeus aparecem nas obras *Suor* (1934), de Jorge Amado, *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, e *Caminho de pedras* (1937), de Rachel de Queiroz. Se o romance do decênio de 1930 tem como lastro a observação do real e a denúncia, é de se problematizar em quais possíveis aspectos o judeu representado em tais obras é de fato baseado no *real*, tendo em vista que os romances articulam a presença de imigrantes judeus no Brasil e comunismo. Retratados como comerciantes e como agitadores políticos oriundos do centro-leste europeu, haveria rastros históricos para que os narradores assim os inserissem como personagem de suas obras?

PALAVRAS-CHAVE

Geração de 30, Judeu, Cosmovisão, Comunismo.

ABSTRACT

“Jew characters” are in books such as Jorge Amado’s *Suor* (1934), Graciliano Ramos’ *Angústia* (1936), and Rachel de Queiroz’ *Caminho de pedras* (1937). If the fiction produced in Brazil in the 1930’s is as an observation of reality resulting in a form of dissatisfaction against such national context, it is possible

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras/Estudos Judaicos pelo Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).  
henrymuraca@yahoo.com.br

to question which aspects of the Jew in those works are actually based on *factuality*, also considering the novels link Jewish immigration and communism. Pictured as traders as well as political agitators from Centre/East-Europe, would there be any “real” historical traces in such characters?

#### KEY-WORDS

“1930’s Generation”, the Jew, Worldview, Communism.

Judeus associados à militância comunista: fato ou fabulação em obras da geração de 1930, como *Suor* (1934), de Jorge Amado, *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, e *Caminho de pedras* (1937), de Rachel de Queiroz? Três fragmentos das obras mencionadas, respectivamente:

E lá estava no quarto andar do 68 na Ladeira do Pelourinho, naquele mundo de homens de pátrias diferentes e distantes, onde só ele entendia a todos, porque só ele não tinha pátria, nem leis, nem deus. Tinha, sim, um grande amor pelas criancinhas miseráveis do prédio e seu rosto miúdo, pequenino para o nariz enorme, se entristecia quando eles fugiam mal o enxergavam na escada, gritando que “lá vem o judeu”... E riu-se (os moradores acharam o riso cínico) no dia em que Cipriano, um pretinho sujo de olhos inteligentes, alarmou a frase ensinada pela mãe:

– Seu Isaac vendeu Nosso Senhor...

Seu Isaac comprou a amizade de Cipriano por um revólver de chocolate e agora conversavam no quarto do judeu, onde tudo era provisório, desde o inquilino até o cheiro de alho.

(AMADO, 1994, p.23-24).

Roberto encostou, deu boa noite. O judeu o chamou logo para contar a “última do Paulino” que, encolhido e irritado, o xingava de “galego besta”.

– Imagine que ele olhou para a atriz do cartaz e disse que a gente precisa logo começar a encrenca para ter daquelas mulheres...

Paulino pulou:

– Mentira! O que eu disse foi: quando é que a gente terá direito de olhar para uma mulher daquelas?

Mas, sem o escutar, o judeu pontificava:

– Entram para o movimento pensando que há mesmo socialização de mulheres... E escolhem logo as burguesinhas mais finas, de mais luxo...

Paulino, rubro e gago, abanou-lhe os queixos:

– Deixe de ser burro, galego! Pensa que só você sabe de tudo? Porque você tangia cachorro na Europa, no tempo da Revolução Russa, pensa que tirou privilégio de saber tudo? Os outros todos são burros, safados, não é? (QUEIROZ, 1990, p.28-29).

Moisés é uma coruja. Acha que tudo vai acabar, tudo, a começar pelo tio, que esfola os fregueses. E eu acredito em Moisés, que não escora as suas opiniões com a palavra do Senhor, como os antigos: cita livros, argumenta. Prega a revolução, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários. [...] De repente cala-se: foi o doutor chefe de polícia que apareceu e começou a cochichar com os políticos. O dedo de Moisés some-se entre as folhas do jornal, o revolucionário esconde-se por detrás do sorriso inexpressivo. Covardia. Mas afasto este pensamento severo. [...] Moisés não tem jeito de herói: é apenas um sujeito bom e inteligente. Por isso fiz o sacrifício de lhe dar cem mil-réis, que me vão transtornar o orçamento.”

(RAMOS, 2004, p.29-30).

De fato, a militância comunista no contexto do decênio de 1930 contava com a presença de judeus, como assinala Rodrigo Patto Sá Motta (2003, p.98) em “Meu registro é breve: nasci comunista”: Militância judaico-comunista, sendo que o Partido possuía algumas organizações de base – “as células de estrutura leninista” – as quais seriam “compostas exclusivamente de judeus”. Em nota, o historiador exemplifica com o caso de Belo Horizonte, onde a “base judaica” teria funcionado até a década de 1970 – o trabalho de Beatriz Kushnir também destaca tal *célula judaica* nas décadas de 1920 e 1930. Entretanto, a leitura dos romances aqui expostos pode dar a impressão de uma monolítica comunidade judaica no Brasil, quando, em verdade, tanto no país como no mundo, um restrito grupo (em termos quantitativos) foi atraído pelo comunismo,

em geral como via de fuga “de uma origem” identificada com “particularismo”, “bairrismo”, “atraso” e “comércio”, como explica Jerry Z. Muller (2011, p.154).

Há, portanto, um plano histórico em que os judeus tinham participação ativa na militância comunista. Por outro lado, existe um plano “mítico” nas obras, orientado por uma imagem do judeu que erra pelo mundo e é perseguido, buscando na revolução um meio de transformação das condições de opressão, um mundo novo, um renovar de espírito da humanidade, “alguém” que já vislumbrou a salvação (o *soteriológico*) que advém da luta socialista. Nesse sentido, pode-se dizer que o judeu funciona como metonímia do revolucionário comunista idealista – culto, experiente, “desperto”.

Tanto o judeu Isaac, de Jorge Amado, como o judeu Samuel em *Caminho de pedras*, de Rachel de Queiroz são estrangeiros e comunistas. Samuel é descrito como “de pele cor-de-rosa como criança e cabelo de fogo”, lembrando que um dos personagens afirma que Samuel teria passado dificuldades “na Europa, no tempo da Revolução Russa” (QUEIROZ, 1990, p.28-29). Isaac erra pelo mundo há décadas, segundo o narrador, sendo sua missão levar a mensagem socialista pelos países onde passa, a imagem do agitador.

Já o Moisés, em *Angústia*, de Graciliano Ramos, é um caso que merece certa descrição, já que inserido numa obra de maior complexidade. Primeiramente, não é possível saber com certeza se o personagem é nascido no Brasil ou no exterior, tendo crescido aqui. O personagem, assim como Isaac, de Jorge Amado, fala muitas línguas, escapam-lhe palavras estrangeiras: “aquela prosa em língua estranha”. Há referência de algum envolvimento de Moisés na militância – “Prega a revolução, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários” (RAMOS, 2004, p.29).

O que parece importante nesta discussão é mencionar que *Angústia* se afasta de *Suor* e *Caminho de pedras* quanto a justaposições que estas últimas obras possibilitam como leitura: *judeu-comunista-imigrante*. Esse afastamento já ocorre tendo em perspectiva que Moisés é apresentado via o protagonista Luís da Silva, cujas observações põem em relevo certas noções, como a menção de que Moisés é um judeu desviado do puro ímpeto da usura, não sendo ele parecido com o tio, um “judeu verdadeiro” (RAMOS, 2004, p.28),

comerciante que “esfola os fregueses”, como Moisés mesmo o caracteriza. Nesse contexto, a associação judeu-socialismo, incluindo a figura do imigrante, leva em *Angústia* a discussão para termos menos esquemáticos, já que opera com a inconstância do personagem em meio a uma narrativa hesitante.

A representação de Moisés é cercada de mais historicidade, confluindo para o que Rodrigo Motta (2003, p.95) afirma sobre o processo de construção de *identidade* de alguns membros da comunidade judaica a partir da fusão “entre ideais e valores comunistas e elementos da tradição cultural do povo judeu” – união esta “nem sempre tranquila”<sup>2</sup>, como sublinha.

Se o tio de Moisés é percebido por Luís da Silva como usurário (“judeu verdadeiro” em muito se cola a tal noção), a identidade do amigo é entrevista pela adesão do judeu à ideologia revolucionária. Essa forma de identificar Moisés surge pelo viés da admiração de sua sensibilidade e perspicácia.

Luís da Silva descreve o amigo como “um sujeito bom e inteligente” (RAMOS, 2004, p.30), é um homem que lê, debate e se compadece pela miséria (incluindo a do companheiro narrador), o que lhe fornece um caráter humanista, o que o leva a rechaçar as atividades comerciais do tio. Na perspectiva que aqui se delineia, esse modo de ver o judeu se relaciona com a simbiose entre “problema moral” e “problema social”, como demonstra Carpeaux (1999, p.886) em discussão acerca do romance brasileiro moderno (“mundo velho em decomposição”), cuja conclusão exemplifica *Angústia* como raro momento da prosa nacional que se elevou “à altura da tragédia”.

Entretanto, se a simpatia que advém de Moisés se configura num nível de resgate de valores, de consciência social, numa fraternidade universalista que o personagem demonstra, tal relação está longe de aparecer de maneira pacífica ou simplista. Mesmo sob o ponto de vista da racionalização conturbada de Luís da Silva, que por vezes menospreza a militância do amigo, porque

---

<sup>2</sup> Os tais elementos judaicos podem encontrar sentido na explanação de Walter I. Rehfeld (2002, p.10) em seu “Alguns conceitos básicos do judaísmo”. Discorrendo sobre o “monoteísmo ético” – o mundo como expressão não do *ser* de Deus, mas da Sua vontade, fundamento de toda moral –, o autor explica que este impõe ao judaísmo o aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade: “paz, igualdade e fraternidade, justiça social e a felicidade de todos que daí resulta”. Em outros termos, a obtenção da humanidade plena por meio da imitação de Deus (único/universal), cujos atributos básicos são o amor e a justiça.

talvez inócua diante do jugo capitalista, e até a sua condição judaica (como suspeita), é possível divisar aí o dilema apontado por Motta como a “nem sempre tranquila” adesão do judeu à causa revolucionária, e isso já é problematizado na obra pelo contraste entre os judeus envolvidos no comércio e o apelo que o socialismo evoca a alguns – se isso não é um embaraço para todos judeus militantes, ao menos emerge na obra como tensão, uma forma de matizar esse judeu, conferir a ele a oscilação inerente ao ser humano, sujeito no dilema negócio da família/ideal socialista, acanhado de reclamar sua dívida a Luís da Silva: “um péssimo cobrador” (RAMOS, 2004, p.28).

Afastando-se do esquematismo, *Angústia* abre caminho para uma representação do judeu mais ambivalente, menos simbólica que a de Amado e Queiroz. Mesmo aqueles indícios de tipificação servem como reflexão de problemáticas, levando-se em conta, nas palavras de Candido (2006, p.27), o “crispado monólogo interior” de Luís da Silva, que, segundo Rosenfeld (1973, p.83), carrega a narrativa para um “movimento giratório”, o “tempo do pesadelo”.

Afinal, o que se pretende dizer com isso? Que a representação do judeu nessas obras vai se armando de acordo com a cosmovisão do narrador e da obra. Certa visão dos fatos históricos de quem narra se torna *uma* percepção do real, vindo a ser parte da mundividência da fabulação.

Nessa ótica, quanto ao judeu ser comunista e imigrante em algumas obras, parece haver nessa correlação uma tendência de formalizar na narrativa o ideal socialista sob a égide do integracionismo da revolução. Os que testemunharam a vitória do movimento na Rússia, como Isaac e Samuel, funcionariam nesse sentido como argumento de convencimento para a revolta/transformação social, ainda que o segundo, diferente do caráter esperançoso e positivo do judeu de *Suor*, seja representado numa chave apreensiva e perplexa, como sempre a lembrar os companheiros dos perigos de se perder o real sentido da luta, o que se adequa a uma obra como *Caminho de pedras*, centrada nos problemas internos da militância no país (BUENO, 2006, p.431), agravados pelo cerco cada vez mais opressor da Polícia Política do governo de Getúlio Vargas.

Se a “matéria do artista não é informe, é historicamente formada e registra de algum modo o processo social a que deve a sua existência” (SCHWARZ, 2000, p.25), o judeu nessas obras do decênio de 1930 são *uma* realidade, um julgamento perceptivo, uma metonímia, e menos a realidade.

## Referências

AMADO, Jorge. *Suor*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARPEAUX, Otto Maria. Autenticidade do romance brasileiro. In: *Ensaios reunidos*. Vol. I (1942-1978). Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

KUSHNIR, Beatriz. Nem bandidos, nem heróis: Os militantes judeus de esquerda mortos sob tortura no Brasil (1969-1975). In: KUSHNIR, Beatriz (Org.). *Perfis cruzados – Trajetórias e militância política no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p.215-241.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Meu registro é breve: nasci comunista”: Militância judaico-comunista, um estudo de caso. In: *História oral*. n.6. ABHO – Associação Brasileira de História Oral. 2003. p.95-105.

MULLER, Jerry Z. *Os judeus e o capitalismo mundial – O que explica o sucesso judaico nas sociedades capitalistas?* São Paulo: Saraiva, 2011.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

REHFELD, Walter I. Alguns conceitos básicos do judaísmo. In: GUINSBURG, J.; GOLDSZTAJN, Margarida (Org.). *Nas sendas do judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p.9-23.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

QUEIROZ, Rachel de. *Caminho de pedras*. São Paulo: Aché, 1990.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.